

I-24. ANÁLISE DA PREVALÊNCIA DE LESÕES PERIAPICais NUMA POPULAÇÃO ADULTA PORTUGUESA.

Patricia Diogo*, Diana Sequeira, Paulo Palma, Francisco Caramelo, João Miguel dos Santos

FMUC-MD / IBILI

Objetivos: Estudo descritivo transversal com vertente analítica e descritiva, cujo objetivo consiste em quantificar e analisar a prevalência de lesões periapicais segundo o índice periapical de Ørstavik (PAI) em raízes com e sem tratamento endodôntico.

Materiais e métodos: A seleção de doentes decorreu nas primeiras consultas na Área de Medicina Dentária dos CHUC (idade superior a 18 anos, ortopantomografia atualizada, mais de 8 dentes em boca e consentimento informado e esclarecido assinado). A observação oral decorreu de forma sistemática e adequada à consulta que se encontrava em curso. Recorreu-se ao kit de observação completo: espelho dentário nº4 (Hu-Friedy®, Chicago, EUA), sonda exploradora reta de ponta arredondada, CP11.5B (Hu-Friedy®, Chicago, USA), rolos de algodão número 1 (Suprarolls, R&S, Paris, França) e películas de raios-x periapicais número 2 (Kodak-Ultra-Speed, Dental film, Yoshida, Japão) nos dentes com tratamento endodôntico, sem que nenhuma intervenção tivesse sido prestada anteriormente.

Resultados: Observaram-se 157 doentes no período compreendido entre 1 de Janeiro e 30 de Abril de 2011, correspondendo a 157 ortopantomografias, das quais 13% consistiram numa análise conjunta pela investigadora e orientador. Quando registada a existência de dentes com tratamento endodôntico, realizou-se o respetivo raio-x periapical, num total de 98 raios-x (mesmo número de dentes com tratamento endodôntico). Desses, 31% foram observados em conjunto pelos dois avaliadores em dois momentos separados por uma semana. A prevalência de periodontite apical (PA) na amostra foi de 4.4%. A prevalência de PA em dentes com TE foi de 29.6% e quando a raiz foi o denominador comum, a prevalência de PA foi de 29.3%, ou seja, 70.7% das raízes com TE apresentavam um PAI<3. Na análise radiográfica das ortopantomografias foram diagnosticadas lesões periapicais em 132 raízes sem terapêutica endodôntica com PAI≥3. A prevalência observada em raízes sem tratamento endodôntico e com lesões de PAI=3 foi de 51.1%, seguida por PAI=4 em 37.6% e por fim, 11.3% raízes apresentaram um PAI=5.

Conclusões: Nas raízes com tratamento endodôntico, 70.7% apresentam bom prognóstico (PAI<3), o que vai de encontro aos valores descritos em estudos epidemiológicos semelhantes. Os resultados expressam a deteção atempada de lesões periapicais, atendendo que o PAI mais prevalente em raízes sem tratamento endodôntico é PAI=3, decrescendo progressivamente a prevalência dos níveis 4 e 5. A prevalência de dentes com tratamento endodôntico, 31%, é inferior à expectável, tendo como referência publicações de países com um nível semelhante de taxa de sucesso, 70.4%, o que pode indicar a possibilidade da Medicina Dentária nacional poder evoluir no sentido de optar por terapêuticas mais conservadoras.

I-25. COMPORTAMENTOS RELACIONADOS COM A SAÚDE ORAL NUMA POPULAÇÃO COM PARALISIA CEREBRAL

Rute Rosendo*, Sónia Mendes

FMDUL - Faculdade de Medicina Dentária da Universidade de Lisboa

Objetivos: Os pacientes com Paralisia Cerebral (PC), pelas características da sua doença, apresentam dificuldades no

desempenho de atividades da rotina diária, inclusive as de higiene oral e de alimentação. 1) Caracterizar uma população com PC relativamente a alguns comportamentos relacionados com a saúde oral: alimentação, higiene oral e visitas ao médico dentista. 2) Conhecer as barreiras destes pacientes no acesso aos cuidados de saúde oral.

Materiais e métodos: Estudo observacional e transversal, com aplicação de um questionário, auto aplicado, efetuado aos prestadores de cuidados dos pacientes com PC. A distribuição dos questionários foi realizada em papel ou via on-line, em instituições que recebem este tipo de indivíduos, após autorização dos responsáveis das mesmas. O preenchimento do questionário foi voluntário.

Resultados: A amostra foi de conveniência e constituída por 37 indivíduos. Para executar a sua higiene oral, 89% dos pacientes necessitavam de ajuda. A maior parte dos pacientes escovava os dentes em casa (64%), duas ou mais vezes por dia (65%) com dentífrico fluoretado (78%). No entanto, apenas 8% usavam do fio dentário. A altura do dia mais frequente da escovagem foi "ao deitar, depois da última refeição" (36%). O consumo de bebidas e alimentos açucarados "às vezes" foi referido, respectivamente, por 65% e 75% dos participantes. A grande maioria (78%) não fazia medicação de forma frequente e 57% tinha uma alimentação sólida. As visitas ao médico dentista foram referidas como regulares por 62% dos inquiridos, apesar disso a principal razão da última visita foi a dor (32%), seguindo-se a consulta de rotina (28%) e a presença de cárie (20%). As principais barreiras relativamente ao acesso às consultas de medicina dentária foram a dificuldade em encontrar um profissional experiente (37%), clínicas sem espaços adequados (19%) e motivos económicos (18%).

Conclusões: Verificou-se que a maioria dos pacientes com PC não tem autonomia para realizar a sua higiene oral, pelo que o prestador de cuidados do doente com PC é um elo essencial para a prevenção das doenças orais nestes pacientes. Apesar de tudo, a rotina da higiene oral está implementada na maioria dos pacientes, com exceção do uso do fio dentário. Embora o consumo de bebidas e alimentos açucarados seja referido apenas ocasionalmente, verificou-se que a alimentação líquida era frequente, sendo esta potencialmente cariogénica. As visitas ao dentista foram feitas com regularidade, embora sejam apontadas várias barreiras que dificultem o seu acesso, sendo a mais frequente a dificuldade em encontrar um profissional experiente nos cuidados a este tipo de pacientes. Assim, a formação prática dos médicos dentistas nesta área seria importante para a melhoria do acesso aos cuidados de saúde oral destes pacientes.

I-26. NECESSIDADE DE TRATAMENTO ORTODÔNTICO NUMA POPULAÇÃO DE PACIENTES DOS 9 AOS 14 ANOS

Ivan Cabo*, Nuno Sampaio Ribeiro dos Santos, Saul Castro, Maria Joao Ponces, Jorge Dias Lopes

FMDUP - Faculdade de Medicina Dentária da Universidade do Porto

Objetivos: O principal objetivo da presente investigação foi proceder à aplicação do IOTN nas crianças (dos 9 aos 14) que recorreram à Faculdade de Medicina Dentária da Universidade do Porto, de modo a avaliar as respetivas necessidades de tratamento ortodôntico.

Materiais e métodos: A amostra final foi composta por 126 crianças, com idades compreendidas entre os 9 e os 14 anos, avaliadas pelo Dental Health Component (DHC)

e o Aesthetic Component (AC) do IOTN. Esta avaliação foi acompanhada de um questionário de forma a obter a percepção estética e o interesse das próprias crianças e dos seus responsáveis.

Resultados: Nestas crianças foi identificada uma grande necessidade de tratamento de 42,9% e de 10,3% através do DHC e do AC, respetivamente. A necessidade de tratamento ortodôntico medida pelo DHC foi maior que a auto-percebida pelas crianças e pelos seus responsáveis no que respeita ao AC. Apesar da diferença não ser estatisticamente significativa, os responsáveis revelaram um maior interesse no tratamento das suas crianças do que as próprias crianças. Contudo, em relação ao componente objetivo as crianças revelaram uma maior concordância que os seus responsáveis.

Conclusões: Objetivamente mais de um terço (42,9%) da população em estudo apresentou uma grande necessidade de tratamento. As alterações funcionais, estéticas e psicossociais que podem derivar da presença de más oclusões e os efeitos benéficos que o tratamento de ortodontia proporciona, podem ser avaliadas utilizando o Índice de Necessidade de Tratamento Ortodôntico (IOTN).

I-27. CONHECIMENTO SOBRE HPV E CANCRO ORAL EM ALUNOS DE MEDICINA DENTÁRIA.

João Vinha Oliveira*, Guilherme Fontes da Silva Tavares, Luis Silva Monteiro

ISCS-Norte

Objetivos: Avaliar o conhecimento e informação sobre HPV, nomeadamente a sua relação com cancro oral, numa população universitária a frequentar o curso de Medicina Dentária.

Materiais e métodos: Foram aplicados 379 inquéritos a alunos do Mestrado Integrado em Medicina Dentária do Instituto Superior de Ciências da Saúde do Norte (ISCS-N). Foram incluídos alunos a frequentar um dos cinco anos do Mestrado Integrado em Medicina Dentária do ISCS-N e excluídos os casos de inquéritos incompletos, mal preenchidos ou adulterados. Colocaram-se várias questões que incluíam informação sobre idade, sexo, ano de curso, cancros mais frequentes a nível mundial, agente responsável pelas DST mais comuns e cancros associados à infeção por HPV.

Resultados: Dos 379 inquéritos e atendendo aos critérios de exclusão e inclusão, foram excluídos 24, resultando numa amostra final de 355 questionários aptos para serem utilizados no nosso estudo. Esta amostra é constituída por 116 alunos do sexo masculino e 239 do sexo feminino, sendo a média de idades correspondente a 21,8 anos, com um desvio padrão de 3,9. Da amostra total, N=355, 305 dos inquiridos já iniciaram a sua atividade sexual, sendo que 67% utilizavam o preservativo e 75 inquiridos já tiveram quatro ou mais parceiros sexuais até à data. Cinquenta e nove por cento sabem que o cancro da cavidade oral e da faringe está entre os seis cancros mais frequentes em todo o mundo. Dos cancros associados ao HPV, o cancro do colo do útero obteve 87% das respostas, enquanto que o cancro da cavidade oral aparece em segundo lugar com 40,3% das opções. Notou-se níveis de conhecimento mais elevados em alunos dos anos mais avançados e do género feminino.

Conclusões: Existe conhecimento sobre HPV e cancro oral neste grupo populacional, principalmente em alunos no término do curso. Estes resultados confirmam que a informação, o ensino e consciencialização para este problema aumentam o conhecimento sobre a infeção por HPV no ser humano.

I-28. DESINFECÇÃO DE MATERIAIS DE IMPRESSÃO: PRÁTICAS DOS MÉDICOS DENTISTAS E PROTÉSICOS

Ana Assis*, Inês Correia, Ana Portela, Álvaro Azevedo, Mário Vasconcelos, Benedita Sampaio-Maia

FMDUP - Faculdade de Medicina Dentária da Universidade do Porto

Objetivos: O risco de infeção cruzada nos consultórios dentários e nos laboratórios de prótese é indiscutível pois envolve a exposição a sangue e saliva e, portanto, requer um nível elevado de práticas de controlo de infeção cruzada de forma a prevenir a transmissão de doenças infeciosas. Este estudo pretende avaliar o conhecimento de práticas de controlo de infeção, abordando questões como vacinação, desinfecção das impressões, comunicação entre consultório e laboratório e conhecimento da importância/risco da infeção cruzada.

Materiais e métodos: Um inquérito nacional sobre a prática de desinfecção de materiais de impressão foi enviado por e-mail a mais de 1000 médicos dentistas (MD) e 320 técnicos de prótese (TP), com a colaboração da SPEMD, da AIPD e da FMDUP, tendo-se obtido 95 respostas de MD e 25 de TP.

Resultados: Relativamente aos hábitos de desinfecção, apenas 58,5% dos MD referiu desinfetar sempre em qualquer situação. Contrariamente, 20,2% nunca desinfeta a impressão, sendo que 33,3% refere que a desinfecção fica a cargo do laboratório de prótese. Por parte dos TP, 62,5% desinfeta sempre a impressão, sendo que desses 33,3% referem ter receio de serem contaminados. Contrariamente, 12,5% nunca desinfeta por indicação da entidade patronal ou porque não acha relevante. Contudo, 82,6% não tem conhecimento sobre o estado de desinfecção da impressão, aquando da receção, sendo este dado coincidente com os obtidos no inquérito aos MD quando 58,9% refere não informar o laboratório de prótese. Relativamente ao processo de desinfecção para as impressões em alginato, poliéster, silicone de adição ou condensação, 32% dos MD referiram que lavam o material com água seguido de um processo de desinfecção com glutaraldeído ou hipoclorito de sódio, no entanto 29% dos inquiridos apenas lava com água. Por parte dos protésicos, 33% lava e desinfeta as impressões e apenas 6% lava só com água. Apesar dos diferentes graus de importância de contágio dos microrganismos inquiridos (HIV, HBV, Candida albicans, E. coli, entre outros), 22% dos MD e 36% dos TP consideram todos os microrganismos muito suscetíveis de contágio. Apenas 3% dos MD e 8% dos TP referem não ter a vacinação contra o HBV em dia. Embora, também recomendado pelo "Centers for Disease Control" (CDC) e pela "Australian Dental Association" (ADA), apenas 23% dos MD e 20% dos TP realizaram a verificação da imunização contra o HBV neste teste.

Conclusões: O presente estudo demonstra que há alguma falta de conhecimento tanto do risco de contaminação quanto dos protocolos recomendados para a desinfecção de impressões e controlo de infeção. Logo, medidas de controlo de infeção deverão ser transmitidas de forma mais rigorosa para garantir a segurança e saúde quer dos profissionais de saúde quer dos pacientes.

I-29. COLONIZAÇÃO POR S. MUTANS EM CRIANÇAS DE IDADE PRÉ-ESCOLAR DO DISTRITO DE LISBOA

Sónia Mendes*, Luísa Barros, Mario Bernardo

FMDUL - Faculdade de Medicina Dentária da Universidade de Lisboa / Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa

Introdução: O grupo de bactérias mutans streptococci foi identificado como um dos principais responsáveis pela iniciação